



ENTRE O PASSADO E O FUTURO: VOZES QUE SE ENCONTRAM

BETWEEN THE PAST AND THE FUTURE:
VOICES THAT ARE FOUND

Maria Madalena Silva de Assunção¹

O papel do historiador não é amar o passado ou emancipar-se dele, mas dominá-lo e entendê-lo como a chave para a compreensão do presente (CARR, 1978, p. 25).

Não tenho o propósito aqui de discorrer sobre a história da constituição da Psicologia como ciência ou a história da criação do curso de Psicologia na PUC Minas, em 1959. Quero contar, 60 anos após essa criação, a história que estamos escrevendo, o que estamos construindo para o amanhã. Isso será feito a partir das reminiscências desse passado que ecoa em nossos ouvidos e no qual estamos imersos, pois

[...] grande parte da história feita pelo povo assemelha-se ao sulco deixado pelo arado. Pode parecer que desapareceu para sempre juntamente com o homem que arou a terra há muitos séculos. Mas todos os especialistas em aerofotogrametria sabem que, à certa luz, ou vistas a certo ângulo, as sombras de sulcos e regos há longo tempo esquecidos ainda podem ser vistos. (HOBBSAWM, 1990, p. 26).

As histórias, ora narradas, foram escritas por muitas mãos, histórias vividas no decorrer de um semestre, ou melhor, do primeiro semestre do curso de psicologia, recém-criado na Praça da Liberdade. Assim, não contarei sozinha essa história, ela não foi feita apenas por mim, mas por mim e por um entusiasmado grupo de alunos que almeja contribuir para esta história.

Para compreendermos algum acontecimento é mister considerarmos o tempo, o lugar, o espaço, o sujeito e as condições nas quais esse fato se deu. Desse modo, esclareço que as narrativas que se seguem foram construídas pela turma do 1º período do curso de Psicologia, alunos(as) ingressantes no 2º semestre de 2018, unidade da Praça da Liberdade, na disciplina História da Psicologia. Essa iniciativa foi motivada pela comemoração dos 60 anos da Psicologia na PUC Minas e pela criação do curso de Psicologia na Praça da Liberdade, eventos que nos levaram a refletir sobre o árduo trabalho enfrentado pelos fundadores, por aqueles que deram prosseguimento a esse projeto no decorrer desses 60 anos e por todos que hoje dão continuidade a esse brilhante e bem-sucedido sonho. Tal trajetória nos mostra que os cami-

¹ Professora de História da Psicologia do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. mms.a@terra.com.br



nhos da Psicologia nos impõem um modo sempre diferente para trilhá-los, com os desafios próprios de cada época.

As narrativas que se seguem representarão no futuro as marcas de um passado, um passado vivido não por uma pessoa em particular, mas por um grupo que, apesar das diferenças, tem em comum o encantamento pela história. Também nos uniu a paixão pela cotidianidade do presente, que em seu fluir nos espreita, nos indaga e nos põe a criar perguntas – nem sempre possíveis de serem respondidas. Em busca dessas respostas, lançamo-nos nos mistérios do passado – esse dominó infinito e fantástico, sempre e eternamente retornando.

[...] afinal, o passado interessa, hoje, pela sua permanência no mundo atual. A contribuição que a história pode trazer para a explicação da realidade em que vivemos faz com que o historiador parta do presente para o passado, sabendo-se situado no futuro do passado que estuda. Este retrocesso é necessário para que ele demonstre não o que aconteceu, mas como a trama do que aconteceu foi tramada [...] e sobretudo, de suas possibilidades de interferência na realidade. (NUNES, 1996, p. 19).

Somos continuamente impactados pela correnteza dos acontecimentos cotidianos, engendrados no passado, e que nos põe em um constante movimento em direção às pistas e fragmentos que possam nos trazer respostas às perguntas e aos enigmas que nos cercam.

Para que as mesmas perguntas não retornem insistentemente, levando-nos a repetir, infinitamente, as mesmas respostas e as mesmas perguntas, é que vamos em busca de pistas que nos façam lembrar, para depois esquecer, sabendo que entre o presente e o passado existe uma descontinuidade, uma ruptura, que só conhecemos pelo fragmento ao qual procuramos dar sentido. Não temos a ilusão de um sentido único das coisas, pois a história jamais estará fechada, e é exatamente isso que viabiliza reabrir o passado para contá-lo de outra maneira, o que não significa apenas contar o passado, mas fazê-lo em sua relação com o presente.

Nesse sentido, a perspectiva historiográfica que sustenta essa escrita é aquela que se preocupa com a possibilidade de entender o “lento”, o “imóvel”, o cotidiano que se encontra no nível dos pequenos acontecimentos e manifestações. Trata-se da história do “ordinário”, do comum, que com seus elementos comporão a história em toda sua complexidade. São essas ideias rotineiras e repetitivas que concorrem cotidianamente para a construção da Psicologia neste tempo presente, intangíveis enquanto presente, que se tornarão passado e nos interessarão no futuro:

[...] quando era presente, esse passado era, como o presente que vivemos neste momento, qualquer coisa de pulverulento, de confuso, de multiforme, de ininteligível: uma rede densa de causas e de efeitos, um campo de forças infinitamente complexo que a consciência do homem, seja ele actor ou testemunha, é necessariamente incapaz de apreender na sua realidade autêntica [...]. (MARROU, 1975, p. 40).

Com o intuito de registrar esse presente e expressar nossos anseios com o cenário no qual estamos imersos, bem como nossas expectativas quanto ao campo da psicologia e a profissão de psicólogo, é que nos aventuramos no exercício desta escrita. É esse presente que nos leva a formular indagações à história: o que se fazia, por que se fazia, quem fazia, como se fazia alguma coisa em determinada época e em determinado lugar? O que aconteceu para que a Psicologia chegasse hoje ao estágio que chegou? Por que hoje a Psicologia se constitui desta ou daquela forma?

Contar uma história. Diversas são as alternativas para organizar o material e ordenar a exposição. O(a) narrador(a) faz sua opção. A melhor? Certamente, apenas uma entre tantas possíveis. Aqui, a opção foi pela ordenação do material em função de suas temáticas.

Assim, estou certa de que apresentar, organizar essas histórias, tal como articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como na realidade ele se deu, mas tão somente apropriar-se de algumas de suas memórias, interpretando-as com as ferramentas que o presente nos oferece.

Construir esse texto só foi possível porque ele está atravessado por vários textos que sintetizam os vínculos, as persistências e as possibilidades que o presente nos oferece para a construção do futuro da história da psicologia. Estamos certos(as) de que a história, e a história da psicologia, se constitui de um processo contínuo de interação entre o sujeito e seus fatos, um diálogo interminável entre o passado e o presente, sinalizando o contínuo, o descontínuo, as rupturas, as permanências.

[...] a história da psicologia deve ser exercida não como legitimação de nosso presente, mas sim como problematização do mesmo, na medida em que ela chama a nossa atenção para elementos ausentes ou esquecidos nas discussões atuais. É exatamente nessa direção que entendo a história da psicologia como medida contra o esquecimento. (ARAÚJO, 2012, p. 52).

AOS QUE FORAM E AOS QUE VIRÃO

Fernanda Soares Penido

Aqui estamos: entre o passado e o futuro.

Somos o agora, na constante busca pela importância de se viver o presente.

Submersos na possibilidade de se fazer história.

Somos o agora.

A prorrogação do modelo de pesquisa de Wundt; assim como seus alunos,

unidos em perspectivas e propósitos.
Saudosos por todo o caminho trilhado.

Somos o presente.
O passado do futuro que há de vir e se materializar.
Ansiosos pelo que virá.
O que será do Sistema de psicologia de Titchener?
Ou será do “sistema de psicologia Techno”?

Somos o agora.
Apoiados na ideia cíclica da história e no desejo de uma psicologia mais
igualitária e democrática.
Por um mundo com mais empatia, discernimento, respeito e palavras suaves. Por
um mundo onde a gente se coloque mais no lugar do outro e exerça a sabedoria do respeito.

Somos o agora.
Com um mundo inteiro dentro de cada um e
em busca de conhecimento e sensibilidade para tocar o solo sagrado do humano.

IR ALÉM

Nathália Mesquita Pereira

Em uma passagem da obra *O mal-estar da civilização*, Freud (1974) supõe que a mente se equipararia a uma cidade, que tem presente em sua identidade a série de composições que já tomou. Ele diz:

Roma não é uma habitação humana, mas uma entidade psíquica, com um passado semelhantemente longo e abundante - isto é, uma entidade onde nada do que outrora surgiu desapareceu e onde todas as fases anteriores de desenvolvimento continuam a existir, paralelamente à última. (FREUD, 1974, p. 172).

Essa entidade a que Freud se refere parece ser nada menos que a história ou, se assim ousar, o presente - visto que não há como falar do agora sem antes mencionar o que já foi. Aí jaz inclusive o ponto crucial de se estudar história: entender a conjuntura que se apre-

senta diante de nós e entender também a arbitrariedade de sua composição - um elemento fora do lugar e o desfecho poderia ser outro por completo.

O que isso acrescenta? – poderiam nos perguntar. Se algo é arbitrário, é também passível de questionamento e renegociação. Eis então um dos fardos do psicólogo: expandir o impacto de sua zona de atuação – consultório, escritório, entre outros – para um contexto mais amplo; não deixar o comum ser naturalizado.

Um dos fardos que a psicologia carrega é de que, quando foi implementada em seu viés prático, sustentou um jogo de exclusão. A loucura deixou de ser vista como perturbação momentânea de julgamento para assumir-se como perturbação na maneira de agir e querer – padrão este enraizado no preconceito e noções de moralidade. Dessa forma, o louco se via condenado à sua condição de loucura e qualquer progresso no sentido de trazer alívio a ele ou aos demais membros da sociedade já estava de bom grado.

Muitos de nós, da primeira turma de psicologia da PUC Minas, unidade Praça da Liberdade, tínhamos o preceito - obviamente vinculado à própria história da psicologia – de que um sujeito com determinado quadro clínico poderia no máximo aprender como conviver com ele, tendo sua qualidade de vida permanentemente comprometida. Ainda que esse possa ser o caso às vezes, esse cenário não constitui uma realidade. A capacidade do homem e de mudança do homem é surpreendente e, para nós interessados em assuntos da natureza humana, inspiradora.

Outro ponto que foi e cremos que ainda seja crucial para aqueles que desejam cursar Psicologia é quando entendem o desenvolvimento do homem como um processo multifatorial, pois é o momento que percebem duas coisas: a primeira, que o homem não permanece estagnado – influencia o ambiente, assim como sofre influência dele – a segunda, que a forma sob a qual alguém se apresenta é resultado de uma série de processos entre pré-disposições e contingências ambientais – o que permite que desenvolvamos um maior senso de empatia.

Esses conhecimentos, que deveriam ser de domínio público, nos colocam em um patamar de responsabilidade social – de reconhecer o outro, sem aceitar necessariamente a ordem de seus comportamentos, muito pelo contrário; e de, sempre que necessário, lembrar que a mudança é sempre viável e a realidade que se manifesta não é nada mais que um emaranhado de tudo o que existiu antes. Este é o encargo que nos é conferido: que possamos – com os recursos oferecidos pela PUC, sobretudo a orientação de profissionais que temos o privilégio de chamar de professores – cumpri-lo e, quem sabe, ir além.

CONHECENDO A PSICOLOGIA E TRAÇANDO NOVOS RUMOS

Arthur Novaes Andrade

Por se tratar de uma ciência considerada nova, ainda existem alguns preconceitos e desconhecimento quanto ao trabalho do psicólogo. Tal desconhecimento e preconceitos podem estar relacionados ao passado dessa profissão, que teve o seu início muito marcado por uma dimensão mais elitista e individualizante. Esse distanciamento dos demais extratos da população talvez tenha contribuído para a desinformação do trabalho do psicólogo, como por exemplo, indivíduos que buscam ter suas questões resolvidas como mágica ao serem atendidos por um psicólogo clínico, sem levar em consideração que essas mudanças demandam certo tempo para acontecer, e que o paciente também deve agir para que isso ocorra e não apenas o profissional.

Mas, felizmente, muitos são os aspectos positivos ocorridos desde a criação da Psicologia, sendo dois deles o crescente interesse e a presença de mais homens neste campo. Aquele antigo pensamento de que trabalhar com psicologia seria para mulher, já que elas seriam mais sensíveis e solidárias ao sofrimento do outro, tem se alterado. Hoje temos uma significativa presença de homens no curso de Psicologia e atuando na área. Essa mudança nos mostra como a Psicologia vem ganhando forças e quebrando preconceitos. Isso traz imensa alegria para nós da área, nos mostra que estamos caminhando na direção certa e nos estimula a continuar quebrando preconceitos. Sendo assim, cabe a nós, ainda como estudantes, transmitir o real trabalho e propósito da Psicologia a fim de mudar as distorções sobre a área, acabar com os preconceitos e atingir uma maior parcela da população.

A FORÇA FEMININA NA PSICOLOGIA

Júlia Cabral Ferreira

Ao estudar a história da psicologia, podemos perceber a predominância de pensadores homens nas listas dos pioneiros da Psicologia. Apesar de as mulheres não constarem nessa lista, elas vêm contribuindo desde os primeiros dias para o desenvolvimento dessa ciência. No início da década de 1900², um em cada dez psicólogos nos Estados Unidos era mulher. Elas enfrentaram muitas dificuldades e lutaram contra discriminações. Muitas não foram autorizadas a estudar com homens, sendo-lhes negados graus ou posições acadêmicas que lhes permi-

² Cf. SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E., 1981.

tiriam pesquisar e publicar. Este foi o caso de Christine Ladd Franklin: em 1882, ela foi a primeira psicóloga a completar todos os requisitos para um PhD na Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, mas só recebeu o seu diploma em 1926. Em 1930, ela faleceu.

Após um longo processo para as mulheres conseguirem o devido reconhecimento, pesquisas mostram que atualmente 89% da profissão de psicólogo(a) é composta por mulheres³. O principal motivo dessa diferença gritante entre homens e mulheres que exercem a profissão de psicólogo pode ser resultante dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres em nossa cultura. A posição, ainda desvalorizada, ocupada pela mulher no mercado de trabalho se reflete também nesta profissão, uma vez que a Psicologia ainda é vista como algo relacionado ao cuidado e ao acolhimento, características ainda consideradas femininas. Além disso, o fato de o psicólogo poder optar por ter um consultório, fazendo seus horários com maior flexibilidade, possibilita à mulher conciliar a atividade profissional com os trabalhos domésticos, ainda atribuídos quase exclusivamente a elas.

A psicologia vem ganhando força nos últimos anos, mas ainda há muito preconceito em relação à área, principalmente porque muitas pessoas não sabem o verdadeiro papel de um psicólogo: apesar de ser um lugar de desconstrução e construção, muitos procuram por conselhos ou respostas prontas, além de acharem que é um lugar de doença, de loucura, do não-saudável. É preciso que as pessoas saibam o que se faz em uma sessão de psicoterapia e nas demais áreas. Assim, mostraremos que não é necessário ser de um determinado gênero, pois homens e mulheres são igualmente capazes para o exercício de qualquer profissão. Desse modo, espero que, em breve, sem ser necessário aguardar mais 60 anos, essa realidade se transforme não só na psicologia, mas em todas as áreas.

O ANO É 2018

Carolina Spyer

Quando Marcos Vinícius da Silva
foi baleado na barriga aos 14 anos,
perguntou à sua mãe antes de morrer:

Ele não me viu com roupa de escola?

³ Cf. *Jornal do FEDERAL*, 2012.

Basta repetir essa frase 13 vezes
e alguém no mundo
interrompe a própria vida.

*(A verdade só pode ser dita
nas malhas da ficção.)*

Só o monstro é original na morte,
escreveu Vitor Heringer
antes de morrer aos 29.

*(Você pode saber o que disse,
mas nunca o que outro escutou.)*

Mete-se um uniforme na morte

e lê-se 22.800 vezes essa mesma sentença
até que mais uma pessoa
lésbicagaybissexualtravestioutransexual
seja assassinada no Brasil.

O assassino bradou orgulhoso.

É o que se via no jornal reportando que
Charlione Lessa Albuquerque
23 estava em um carro com sua mãe
quando foi baleado enquanto manifestava-se.

*(O que importa quantos amores você tem
se nenhum deles te dá o universo?)*

Se bastassem 23 minutos de silêncio
seria exatamente esse o tempo
até que um outro jovem negro

fosse assassinado no Brasil.

Volta-se a Marcos Vinícius da Silva
assassinado 97 dias após Marielle Franco.

*(Eu peço que você rejeite o que eu lhe ofereço
porque não é isso.)*

A PSICOLOGIA E SEU COMPROMISSO COM A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Julien Gabriel Joseph Regnault Marques

Estamos iniciando a primeira turma do curso de Psicologia da PUC Minas na Praça da Liberdade e já temos a expectativa de que essa formação nos possibilitará oferecer o melhor para nós mesmos e para a sociedade, com a qual trabalharemos no futuro. Por isso, convém relembrar o papel do psicólogo, que deve ter como base uma intervenção marcada pela ética e pelo compromisso social, e demonstrar qual imagem queremos construir para a profissão de psicólogo.

A Psicologia nem sempre teve sua atenção voltada para a melhoria das condições da maioria da população brasileira, que, devido às condições de vulnerabilidade em que se encontra, é vitimizada pelo sofrimento psicológico. Os atendimentos clínicos, durante muito tempo, eram acessíveis apenas àqueles de um nível socioeconômico mais elevado. Além disso, muitas vezes, as práticas psicológicas tiveram uma função normalizadora, cujos objetivos eram adaptar os indivíduos a uma sociedade desajustada e opressora. A vinda da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro exemplifica bem esse quadro, quando as ideias psicológicas, em articulação com as prescrições médicas, foram utilizadas para gerar mudanças sociais que atendessem aos interesses dos grupos dominantes, de forma a discriminar e excluir grande parte da sociedade, principalmente os negros e os mais pobres.

Em outros momentos, felizmente, houve aqueles que se preocuparam com as questões sociais no país, como Ulisses Pernambucano e Helena Antipoff, que defenderam com veemência a necessidade de um tratamento diferenciado das crianças que, de alguma forma, se afastavam da situação comum, considerada normal. Uma das iniciativas reformadoras de Ulisses foi a criação de uma escola especial que atendesse às necessidades dessas crianças,

bem como a saída do estado de Pernambuco da Liga Brasileira de Higiene, considerada, por ele, de caráter eugênico.

Nos dias de hoje é necessário que o psicólogo se preocupe, em primeiro lugar, com as condições da maioria da população brasileira, pensando sua intervenção de uma maneira mais ampla, de forma a contribuir para mudanças que beneficiem a maioria da sociedade. Portanto, é necessária uma intervenção que procure compreender o sujeito como alguém que se torna capaz de atuar sobre a realidade e transformá-la ao ampliar o conhecimento sobre si mesmo e sobre a realidade que o cerca, lembrando que, para entender o ser humano, é necessário entender as condições nas quais ele está imerso.

Entendemos que o psicólogo deve procurar tornar a sociedade mais humana, procurando novas respostas para ajudar as pessoas a ter uma vida mais plena. Ele também deve procurar atender de forma empática e respeitosa às necessidades dos indivíduos, tendo consciência de que a saúde mental das pessoas é um elemento essencial para a transformação da sociedade.

O PIONEIRISMO DA PUC MINAS

Fernanda Bezerra Santiago

Luana Mello Gonzaga Jayme

Queremos contar-lhes sobre o pioneirismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – conhecida como PUC Minas – no que tange aos estudos da Psicologia, não apenas no âmbito estadual, mas também no nacional. Nesta instituição, em 1959, foi criado o primeiro o curso de Psicologia no estado de Minas Gerais, antecedendo, inclusive, à regulamentação de sua profissão, que viria a ocorrer somente três anos depois. Essa iniciativa foi considerada uma “ousadia”, visto que, na época, não existia nada parecido. Tal feito demonstra confiança no bom trabalho da Instituição, além de uma projeção sábia para o que viria futuramente.

Em uma sociedade que estava vivenciando mudanças estruturais, o sistema educacional brasileiro da segunda metade do século passado não passaria alheio a essas transformações. Nesse ponto, a necessidade de interferências era considerável, com o objetivo de reformular o ensino e capacitar os formadores para uma nova sociedade. Assim, com a psicologia, a educação busca uma sustentação para o novo projeto educacional, de modo a tornar a prática do professor mais eficaz, por meio de métodos científicos, garantindo a qualidade dos resultados. A Pedagogia foi, portanto, indispensável para que se alcançasse o esperado e tam-

bém um campo fundamental para a consolidação da Psicologia. Esse curso começa, então, a ganhar independência e ser valorizado no ensino superior.

É possível constatar por meio da Revista comemorativa dos 50 anos do Instituto de Psicologia, publicada em 2009, que muito se fez pela manutenção do grande e verdadeiro *status* de ambos: curso e Instituição. Atualmente, quase 10 anos após a divulgação desse veículo, sabe-se que muito mais foi feito nesse período, de modo a elevar a qualidade do ensino, aprimorar as capacidades de pesquisa e execução de serviços, aumentar o rigor nos critérios tangentes à educação e ao ensino, além de assegurar o bem-estar de toda a equipe envolvida nessa longa jornada. Trata-se, portanto, de uma excelente formação superior em uma vitoriosa universidade.

60 ANOS DA PSICOLOGIA

Daniel Miranda

Nasci na Universidade Católica de Minas Gerais, como uma prática da ousadia dos estudiosos para a época, pois antecedi até mesmo a regulamentação da profissão. Meus primeiros anos de vida aqui foram fundamentalmente direcionados ao campo da educação, em uma sociedade que iniciava seu processo de industrialização. Fui utilizada para formar novos indivíduos pensantes, para que os seres humanos acompanhassem esse avanço temporal de maneira intelectual e criativa, já que os novos ideais educacionais expressavam a necessidade de que eu fosse usada dessa forma.

Um ano de grandes transformações para mim foi 1978, quando houve a conversão dos institutos e as faculdades em centros de departamentos. Fui responsável por grandes mudanças nessa época. Alguns praticantes do conhecimento que ofereço, tinham grande interesse em retornar à condição institucional, já que tal denominação sinalizava a possibilidade do meu crescimento tanto em minha estrutura quanto nas condições de trabalho e desenvolvimento científico.

Em um período entre 1994 a 2005, estive focada em atendimentos às questões mais internas de cuidado, com as relações interpessoais, a relação de sonhos e projetos que permeavam aqueles que integravam a aprendizagem do meu conhecimento. Nesta época, me expandir era necessário já que meu centro de conhecimento mostrava a necessidade de ampliação para abrigar a prestação de serviço à comunidade.

A partir de então, até os dias atuais, venho ganhando forças a partir de grupos que me representam, dando voz a tudo que tenho defendido no decorrer da minha história. Além dis-

so, fui subdividida em várias áreas, mas ainda assim sem perder a essência de completude. Hoje me mostro presente na área dos esportes, da saúde, da educação, do conhecimento científico e empírico, nas relações interpessoais e comunitárias em geral, dentre muitas outras. Com tantas maneiras de utilizar-me, sinto que contribui consideravelmente para o desenvolvimento da sociedade.

Desde 1962, ano da minha regulamentação como profissão, acredito que eu tenha dado espaço para profissionais exercerem suas funções e construir sonhos a partir desta nova profissão. Com certeza esse é o motivo pelo qual mais me orgulho, ser capaz de oferecer meu conhecimento prático, a fim de contribuir para a vida de tantas pessoas que se dedicam ao trabalho em prol do desenvolvimento social e da saúde psíquica.

A PSICOLOGIA DA LIBERDADE

Fernanda Poliana Santos Pessoa

Em 2019, o curso de Psicologia na PUC Minas comemora 60 anos de história. Da sua fundação em 1959 até os dias atuais, há muito a comemorar. Se antes era necessário lutar para mostrar a importância enquanto profissão autônoma, hoje a psicologia é tida como fundamental nos mais diversos campos de atuação. Nessa data tão emblemática, fomos ainda contemplados com essa feliz coincidência – o novo curso de Psicologia da Praça da Liberdade. Iniciamos em 2018 uma nova trajetória. Novo curso, novos tempos, em um local repleto de história. Antes eram palácios que demonstravam o *status* e poder. Agora, a praça rodeada por seus museus é berço das artes, sinônimo da expressão cultural em nossa cidade, palco de encontro de todas as tribos. A data é propícia para estas reflexões: O que será que mudou nesses 60 anos? Evoluímos ou regredimos? Quais lições o tempo e a história podem nos deixar? Façamos então um paralelo entre o cenário do surgimento do curso de Psicologia da PUC Minas e o cenário atual.

Na década de 1950, o cenário político emanava tranquilidade: enfim, houve um período sem golpes de Estado. O slogan de JK prometia o progresso. A imprensa se fortalecia; consolidou-se o jornalismo político, moderno e popular. Não podemos nos esquecer da Bossa-Nova – João Gilberto, Tom e Vinícius e a nossa Garota de Ipanema, que projetaram nossa produção artística e cultural para o mundo. Nesse contexto, surge o primeiro curso de Psicologia de Minas Gerais na Universidade Católica, em 1959. O principal desafio desses precursores foi a luta pela emancipação da Psicologia de outros campos do conhecimento, como a Filosofia e a Medicina, e o reconhecimento da profissão de psicólogo. O curso já surgiu de-

monstrando o pioneirismo, confiança e ousadia de seus fundadores. Pedro Parafita Bessa e seus apoiadores iniciaram o curso mesmo antes da regulamentação, que ocorreria somente três anos depois.

Após a regulamentação da profissão, ocorrida em 1962, os novos psicólogos foram surpreendidos pelo Golpe Militar em 1964. O período da ditadura causou uma transformação brutal, alterando a estrutura social e deteriorando o Estado. O período foi marcado pela repressão e desarticulação das instituições democráticas. Durante esse período, a psicologia se fortaleceu nas áreas de seleção de pessoas e educação, sobretudo com a utilização de testes psicológicos. As décadas seguintes foram marcadas por movimentos sociais de resistência. Em 1985, a ditadura encerrou seu ciclo, deixando de herança uma hiperinflação e um aumento nos níveis de concentração de renda e pobreza. Em 1988, com a nova Constituição, iniciou-se uma nova era da democracia. A psicologia consolidou sua autonomia e, nesse contexto, se fortaleceu nos meios comunitários e sociais.

No cenário atual, temos repertório completo: avanços, estagnações, retrocessos, agravamentos, modernidade, precariedade, o virtual e o bárbaro. Em 2018, todas essas ambiguidades se reúnem em um mesmo espaço e tempo, nesse nosso imenso Brasil de 208 milhões de pessoas. Nesse âmbito, inicia-se o curso de Psicologia no *campus* da Praça da Liberdade. Nós, alunos precursores, temos um desafio enorme pela frente. Uma população literalmente dividida seja por ideologias políticas, ou pela concentração de renda, ou ainda pela posição geográfica. De um lado, uma população que adoece pelo excesso: a busca por um *status* social, pela angústia por comprar mais, compulsão por comida e bebida. Do outro, temos tantos outros que adoecem pela falta, seja de água, comida, saneamento básico, educação, de oportunidade, de dignidade.

Hoje temos uma profissão consolidada e reconhecida. A psicologia permeia por diversos campos, como o jurídico, o social, o da saúde, a clínica, o comportamento do consumidor, o neurológico. O Brasil é o país com maior número de psicólogos no mundo. Porém, observamos que a grande maioria da população, constituída pelos mais necessitados, ainda carece de muita atenção. Podemos observar, ao longo da história, um movimento direcionado para as vertentes sociais, porém, muito discreto se compararmos com a infinidade da demanda atual.

Nós, alunos da Liberdade, recebemos todo um legado conquistado por nossos antecessores com muito trabalho e persistência. O futuro começa a ser construído hoje. Devemos sempre olhar para o passado, buscando nas concepções históricas experiências e vivências para auxiliar-nos no hoje. Sentir e refletir sobre o que estamos vivendo no presente de forma

crítica. E direcionar nossos esforços rumo à construção de uma Psicologia que caminhe em direção às necessidades da sociedade e em apoio à causa dos mais necessitados.

LEMBRANÇA AOS QUE FORAM E SAUDAÇÕES AOS QUE VIRÃO

Gustavo Barreto de Oliveira

Aos ingressantes do curso de Psicologia da Praça da Liberdade, começarei esta breve mensagem com duas informações de grande relevância para que se situem no nosso *zeitgeist*, como futuros psicólogos. Estamos completando 60 anos da criação do curso de Psicologia pela PUC Minas, uma das pioneiras com esse curso no Brasil. E junto a esse momento histórico que vivemos, a abertura do curso de Psicologia na unidade da Liberdade. Sendo assim, somos aqueles que iniciaremos uma nova história.

Agora que já estão devidamente familiarizados com o contexto, gostaria de refletir acerca daquilo que nós, como futuros profissionais da área, devemos levar conosco a partir do que aprendi nessa vivência de primeiro período. Nós escolhemos uma das profissões que terá, cada dia mais, um impacto decisivo para os rumos da humanidade. Isso pode soar de forma presunçosa, mas antes de tudo o psicólogo é alguém que pensa a vida. Ser estudante de Psicologia, portanto, não diz respeito somente a qual área vamos atuar, qual abordagem iremos seguir ou quanto ganharemos, mas sobretudo que mundo ajudaremos a reformular e refletir. Nós somos uma ferramenta para “guiar” nosso paciente, para entenderem o que não sabem de si, transformarem insatisfação em satisfação, mostrarmos a ele caminhos e alternativas, para que possa ter um avanço diante de seu atual estado.

Em meio às dificuldades que se apresentam em nosso *zeitgeist*, é inevitável retornar na história e analisarmos eventos já passados, e com isso ver que vivemos um momento delicado da história, assim como os precursores de nosso curso, como o alemão Wilhelm Wundt, considerado o pai da psicologia experimental; Edward Titchener, britânico, aluno de Wundt que levou as suas ideias aos Estados Unidos, mudando o rumo da psicologia. Assim também como outro grande nome na psicologia nacional, Helena Antipoff, nascida na Bielorrússia, se fixou no Brasil a convite do governo de Minas Gerais. Uma mulher diante de uma sociedade machista e preconceituosa, e mesmo assim foi capaz de se sobrepôr e defender aquilo que amava, a psicologia. Por fim, outro nome de extrema importância para a psicologia brasileira foi Pedro Parafita Bessa, que, com a ida de Helena Antipoff para o Rio de Janeiro, assumiu a responsabilidade de substituí-la na cadeira da Psicologia Educacional.

Em 1957, Bessa organizou e dirigiu, para a PUC Minas, o curso de Orientação Educacional. Diante do sucesso, foi convidado pelo então Reitor a organizar e dirigir um curso de Psicologia, o que aconteceu em 1959.

Estamos iniciando essa história juntos na Praça, e juntos iremos evoluir, errar, acertar, festejar. Juntos, nos tornaremos grandes profissionais, egressos de uma Universidade renomada em nossa área, com a missão de cumprir e ir além com os propósitos deste campo do conhecimento.

A PSICOLOGIA E A IGUALDADE SOCIAL

Samuel Guido Sant'Anna

Redijo esta carta como integrante da primeira turma do curso de Psicologia da PUC Minas, Unidade Praça da Liberdade, com o objetivo de propor uma reflexão acerca de como a Psicologia pode colaborar na construção do bem comum e no combate à desigualdade social no Brasil, visto que o nosso país é o 10º mais desigual do mundo, segundo *ranking* do site *O Globo*, e ocupa o septuagésimo nono lugar no *ranking* do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o que indica claramente que o Brasil tem muito a fazer quando o assunto é a construção do bem comum e combate à desigualdade social.

Com esse quadro, é fundamental que a crise econômica e de credibilidade política que vivemos atualmente não recaia sobre os programas sociais, que muito contribuíram para o combate à desigualdade social e consequentemente o bem comum, reduzindo o número de famílias que viviam abaixo do nível da linha da pobreza. Apesar dessa evidente redução, essas medidas ainda não foram suficientemente capazes para sanar a dificuldade e a acessibilidade de grande parte da população à educação e à saúde pública de qualidade.

Como futuro profissional de Psicologia, é necessário reconhecer a eficácia das ações promovidas por essa área em diálogo com as demais áreas do conhecimento e profissões e atividades voltadas para o desenvolvimento pleno do cidadão.

Já contamos com muitas atividades e movimentos voltados para o reconhecimento e o bem-estar de todos os indivíduos, como é o caso dos movimentos de mulheres, da juventude negra, de direitos humanos, musicais que mantêm uma relação intrínseca com a crítica social e que, por meio de sua associação à psicologia, podem promover a disseminação do bem comum e o combate à desigualdade social, preservando a psique e a saúde mental de minorias que estão em situação de vulnerabilidade e lidam com o preconceito diariamente.

A Psicologia pode auxiliar na discussão sobre os direitos humanos, para que a política de um país seja justa e vá ao encontro dos interesses de toda a população e não apenas de uma classe economicamente favorecida, combatendo o preconceito e lutando por melhores condições para todos.

O trabalho do psicólogo é fundamental em sua atuação junto às minorias e à sociedade como um todo, para a construção do bem comum e combate às disparidades sociais.

DO LEGADO QUE RECEBEMOS AO QUE DEIXAREMOS

Boris Furman

Neste momento, exatamente no ano em que o curso de Psicologia da PUC Minas completa 60 anos, estamos começando a escrever a nossa história aqui na Praça da Liberdade. Sentimo-nos felizes, mas ao mesmo tempo com uma responsabilidade muito grande: representar a psicologia e essa instituição. Querendo ou não, seremos exemplos para as próximas turmas que chegarão e escreverão essa história conosco, pois logo no começo do curso aprendemos sobre o conceito de modelagem de Bandura, que é a reprodução e mesmo cópia das ações das pessoas que estão mais avançadas que nós em algum processo. Partindo desse princípio, já que seremos referências para os que virão, queremos dar nosso melhor.

Confesso que me senti assustado com o ingresso na faculdade, pois estamos habituados com um modelo de organização e funcionamento das escolas diferente do que aqui encontramos, e essas mudanças nos causam sobressalto.

Mas, logo no começo do curso, começamos a entender melhor como as coisas funcionam e como a universidade muda nossa maneira de perceber as coisas – principalmente no nosso curso, na mudança na forma de ver o outro, pois estamos escolhendo uma profissão que não é nada fácil e exige uma empatia muito grande da nossa parte. Essa necessária empatia e responsabilidade para com o outro não são omitidas de nós estudantes, logo no início os professores nos mostram a responsabilidade do psicólogo e o quanto nossa profissão é importante, por mais que ainda existam muitos desafios a serem vencidos na sociedade. Trabalhamos com o medo, com a ansiedade, com os problemas, os traumas e as inseguranças das pessoas. Lembro-me do primeiro dia de aula, quando o professor explicou de onde se origina a palavra psicologia e qual seu significado: quando dividida, ‘LOGIA’, do latim, significa estudo e ‘PSICO’, do grego, significa alma. Fiquei impactado, e mesmo sabendo da importância da profissão que eu estava escolhendo, a fala desse professor me fez refletir mais uma vez: so-

mos médicos para além da dimensão física, tentamos resolver problemas de coisas que não podemos tocar. Mágico, não?

Somos a primeira turma da Praça da Liberdade. Isso me faz pensar sobre o quanto difícil foi para a primeira turma de Psicologia quando o curso foi criado em 1959, pois, mesmo depois de tanto tempo, ainda temos frio na barriga sobre o futuro da nossa profissão e como será quando concluirmos o curso. Nós já encontramos a profissão consolidada e com várias conquistas. No entanto, penso o quanto foi um caminho difícil e incerto para os pioneiros do curso. E quando penso nesse ponto, percebo a importância da história que estamos escrevendo agora, pois da mesma forma que os pioneiros abriram e percorreram um longo caminho, o nosso dever é continuar caminhando e conquistando novos espaços para os próximos psicólogos que virão. Talvez esse seja o nosso legado para os colegas e em prol da nossa profissão, que cada vez mais vem ganhando espaços e importância em novas áreas da sociedade.

AOS QUE VIRÃO APÓS A PRIMEIRA TURMA DE PSICOLOGIA DA SALA 103

Fernanda Magalhães Coimbra

Algo que fez parte da minha apresentação na primeira aula de História da Psicologia foi quando a professora Maria Madalena pediu que nos apresentássemos e relatei que, aos 16 anos, iniciei a terapia disposta a abrir a mente e conhecer os benefícios que o acompanhamento psicológico poderia me oferecer. Afinal, o dia a dia tem se tornado cada vez mais corrido e conturbado. Assim como eu, vinda do interior, as pessoas que vivenciam na pele a eterna luta de viver na capital encontram na terapia uma ajuda para melhor compreender os problemas cotidianos. Essa experiência aumentou, assim, minha proximidade e interesse pela psicologia.

Diretamente do Edifício Fernanda, sala cento e três, turma do primeiro período composto atualmente por vinte alunos (número que, tenho certeza, só aumentará nos próximos primeiros períodos desta unidade da PUC), eu, Fernanda, gostaria de deixar, através desta carta, uma breve consideração aos futuros alunos. Afinal, eles darão continuidade ao que a nossa turma iniciou, aqui, na Unidade Praça da Liberdade.

Mesmo frequentando o curso de Psicologia da PUC Minas há apenas quatro meses – porém convivendo com a psicologia clínica, como paciente –, a minha certeza de que a psicologia é uma das áreas mais interessantes a serem estudadas só vem sendo reforçada. Afinal, este é o campo de análise das mentes, das personalidades e, de maneira geral, dos comportamentos humanos.

Eu, assim como os que virão depois de mim para cursar Psicologia durante cinco anos, aprenderemos a desenvolver a capacidade de observar, diagnosticar, prevenir e auxiliar na compreensão das doenças mentais. Além disso, o que para mim é o mais importante, aprenderemos a ajudar pessoas a se encontrarem em meio às confusões e a se erguerem quando se depararem com situações adversas e intensas. Aprenderemos a ajudá-las a encontrar sua autenticidade em meio a um amontoado de opiniões alheias que pesam, mas que jamais serão capazes de enterrar suas essências. Fazer parte de uma Universidade que possui sessenta anos do curso de Psicologia em sua história só nos dá mais certeza de que nos tornaremos profissionais altamente capacitados para ajudar aqueles que, como todos nós, somos diariamente afetados pela agitação do mundo "lá fora".

A PSICOLOGIA E SEUS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Bárbara Campos Silva

Considerando o percurso histórico de nossa profissão, em comemoração a uma data tão importante como os 60 anos do curso na PUC Minas, trago aqui algumas reflexões sobre os desafios contemporâneos enfrentados pela psicologia atual, e quem sabe, apresentar alguns possíveis caminhos futuros.

Os desafios aqui apresentados parecem estar relacionados principalmente às mudanças no contexto social, econômico, político e tecnológico pelas quais passamos atualmente e viemos passando no decorrer dos anos, que eventualmente colocam o profissional frente à necessidade de certa adaptação para que continue atendendo às demandas dessa sociedade fluida, situada em um constante processo de mudança.

Um dos desafios a ser considerado diz respeito à associação entre o atual e crescente avanço tecnológico e a sensação de falta de tempo. Tal sensação se faz cada vez mais presente no nosso dia a dia. As obrigações cotidianas relativas a trabalho, família e convívio social parecem aumentar progressivamente. Essa sensação, ilusória ou não, já é suficiente para aumentar a ansiedade diante de compromissos a serem cumpridos, o que por si só já se caracteriza como uma situação potencialmente estressante.

Os indivíduos inseridos nesse contexto/ambiente podem vir a apresentar certa preferência por tratamentos de psicoterapia à distância, em que a comodidade e conveniência prometem “substituir” a presença do psicólogo. Alguns desses tratamentos à distância já se fazem presentes na realidade atual, e a resolução 11/2018, publicada pelo Conselho Federal de Psicologia, já reconhece e regulamenta alguns serviços psicológicos realizados por meios tecno-

lógicos de comunicação à distância, desde que sejam pontuais, informativos, focados no tema proposto e que não firam o que está definido no Código de Ética Profissional da(o) psicóloga(o). Nesses casos, é dever do psicólogo especificar quais os recursos tecnológicos utilizados para a realização dos serviços e para a garantia do sigilo das informações. Dentre os serviços oferecidos estão: consultas e atendimentos psicológicos, processos de seleção de pessoal, aplicação de testes, supervisão do trabalho de outros psicólogos e atendimento eventual de clientes em trânsito e/ou de clientes que momentaneamente se encontrem impossibilitados de comparecer ao atendimento presencial.

Tomando como exemplo, é visto que o número de aplicativos para *smartphones* de cunho “psicoterapêutico” vem aumentando cada vez mais. Apesar de isso, *a priori*, parecer um excelente avanço nas práticas da profissão, possui seus pontos positivos e negativos. É certo que essa apropriação de mecanismos tecnológicos na prática psicológica pode ampliar muito o alcance da psicologia, principalmente em áreas de difícil acesso, e pode aumentar também a parcela da população beneficiada pelos profissionais, além de ser um grande avanço para pessoas e tratamentos específicos onde a presença da(o) psicóloga(o) pode gerar certa angústia no indivíduo que a ela(e) recorre. Apesar disso, alguns cuidados devem ser tomados para que a psicologia não seja reduzida a simples aplicações de técnicas à distância, que apesar de bastante eficientes em alguns pontos, em uma visão pessoal, ainda deixa a desejar em outros. Dentre esses pontos de preocupação, o principal a ser considerado diz respeito à importância de um contato próximo entre o psicólogo e o sujeito, além de uma relação terapêutica bem estabelecida, extremamente importante em diversas abordagens, que em tratamentos à distância podem perder potência e dificultar a natureza humana da profissão de acolhimento e presença frente ao sofrimento do outro.

Podemos pensar, então, que o psicólogo contemporâneo se encontra diante de várias mudanças que se impõem, não só em relação ao fazer da profissão, mas também em relação às pessoas a quem presta seus serviços. Devido às mudanças sociais e contextuais, são pessoas que pensam e se comportam diferentemente daquelas de 60 anos atrás e irão se comportar de forma diferente daqui a 60 anos.

Cabe ao profissional da psicologia, então, estar atento a essas mudanças pelas quais a sociedade passa em função do tempo, para que seja sempre capaz de adaptar-se às novas demandas e instrumentos, cumprindo com seus objetivos e atendendo àqueles que dela necessitam com qualidade e dedicação.

O FUTURO DA PSICOLOGIA E SEUS DESAFIOS

Maria Clara Ferreira Del-Fraro

Falar do futuro da psicologia é uma tarefa fundamental. Essa análise pode ser feita através da observação de evidências do presente, pois o futuro começa a partir do agora. É de extrema importância que nós, futuros psicólogos, estejamos cientes dos desafios que encontraremos em nossa profissão daqui alguns anos, já que brevemente enfrentaremos o mercado de trabalho e estamos escrevendo novas páginas na história da psicologia. Um desafio do presente e do futuro que deve ser discutido é a tecnologia dentro da psicologia.

O campo tecnológico está crescendo muito atualmente, influenciando diretamente todas as profissões, incluindo a psicologia. Atendimentos *on line* e testes psicológicos agora estão sendo feitos também pela tecnologia. É um assunto polêmico, já que mesmo sendo muito avançada e capaz de imitar alguns comportamentos humanos, a tecnologia e as máquinas não são capazes de ter a mesma sensibilidade e empatia que um ser humano possui, características fundamentais para um tratamento terapêutico ser bem-sucedido. O papel do psicólogo do futuro será o de se adaptar e se aliar ao uso dessas tecnologias para melhorar seus atendimentos e reinventar seu espaço no mercado de trabalho.

Outro grande desafio que os psicólogos enfrentam e continuarão enfrentando é a questão da medicalização do sofrimento humano. A indústria farmacêutica incentiva o uso de medicamentos ao primeiro sintoma de mal-estar, como pílulas mágicas, ignorando a verdadeira causa do sofrimento. Cabe ao psicólogo ter a sensibilidade de lidar com a dor do paciente, trabalhando com as causas e não tentando tamponar o sofrimento através de meios químicos, ainda que estes devam ser utilizados em casos específicos. Como podemos ver, a psicologia é a profissão do presente do futuro. Com um mundo tão rápido e mecanizado, a escuta e o acolhimento do psicólogo nunca foram e serão tão necessários.

COMO SE PREPARAR PARA O FUTURO?

Ana Luíza Scavazza

Igor Vinícius Leite

Sabemos da importância de pensarmos no amanhã, e, quando envolve a nossa futura profissão, a preocupação não pode ser diferente. O mundo está se desenvolvendo em diversos aspectos que trazem mudanças para o indivíduo e para o convívio social, como evoluções nos campos científico, tecnológico e nos meios de comunicação. Embora os avanços tenham faci-

litado a vida de muitos, também geraram problemas; o ser humano necessita de cuidados, e destaca-se a preocupação com a saúde mental nos tempos modernos. Discute-se muito sobre a tecnologia e suas relações com a saúde dos usuários, e na era digital o homem anseia retratar a sua vida como “perfeita” ou como a mais próxima possível do que crê ser o ideal (ou como as pessoas creem ser o ideal), na qual muitos se mostram sempre felizes nas redes sociais. Acreditamos que isso pode ter impactos negativos para o usuário, que, ao se deparar com essa realidade, meramente virtual, pode sentir-se inferior em um dado momento, quando não atende a esse ideal imposto pela sociedade. Além disso, a velocidade das tarefas possíveis de serem realizadas através da tecnologia fez com que os casos de ansiedade fossem impulsionados entre os indivíduos, pelo fato de não conseguirem acompanhar o ritmo das máquinas. É notório que a ideia de que a infelicidade não pode ter espaço e que constantemente precisamos estar felizes de forma inabalável nos tornou uma sociedade vista como doente. E um ponto importante a se pensar para os tempos que estão por vir seria como entender e encontrar alternativas para este problema.

O ceticismo é até comum quando se trata da psicologia. As visões mais conservadoras – as quais alguns ainda consideram a psicologia como uma ciência desnecessária – veem a profissão apenas como uma forma de tratamento para doenças mentais. Nós, como futuros psicólogos, podemos quebrar esse tipo de pensamento; devemos nos informar (e informar ao próximo), além de buscar compreender a história de nossos precursores, o que podemos mudar, evitar ou até mesmo manter em nossas eventuais abordagens e ferramentas de trabalho. Os métodos não são mais os mesmos de 60 anos atrás; a sociedade também mudou. A melhora no diálogo das profissões – como no caso do direito e da psicologia – e novos métodos são perspectivas que temos desejado. O crescimento na procura por ajuda profissional também impulsiona nossas ideias para melhor atender àqueles que buscam uma vida melhor, uma mente mais saudável; por outro lado, um olhar especial para alguns anos à frente pode nos fazer entender de forma mais adequada o que pode ser criado, como podemos criar e como podemos desenvolver até um breve ou distante futuro.

A HISTORICIDADE DOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Thalita Bianca Kimberlym Martins da Cruz

O mundo está em constante mudança. A humanidade constantemente avança em conhecimento e desenvolvimento, gerando cada vez mais alterações nos modos de vida, bem como o avanço da tecnologia proporciona novas possibilidades de relação com o outro. Todas

essas mudanças são acompanhadas pelo saber da Psicologia, pois a constituição de um sujeito, ou seja, do “eu” é perpassada pela sua relação com o Outro, sendo esse Outro tanto a cultura e ou seu semelhante.

Ao chegarmos ao mundo, somos banhados pela linguagem e essa linguagem é feita pela cultura que o sujeito habita. Ao investigarmos questões históricas sobre a humanidade, vamos nos deparar com particularidades de cada tempo – como, por exemplo, modos diferentes de governo, de pensamento, a moral de cada época – sendo alteradas e questionadas, e as formas de funcionamento daquelas pessoas. Até o conceito de sujeito e de subjetividade é algo novo, pois nem sempre existiu. É a partir da modernidade que surge a noção de “Sujeito” singular, que ao mesmo tempo em que compõe um social possui suas particularidades e diferenças.

É a partir dessas questões que torna possível defender que cada época produz sua própria forma de subjetividade, em outras palavras: cada tempo produz seus sintomas. Ao pensarmos sobre a criação e a implementação das teorias que fundamentam o saber da psicologia, devemos ampliar a visão para além do que é mostrado. É necessário pensar no contexto social, político e econômico que cada época produziu e de como tudo isso se expressa nas teorias e práticas.

Toda mudança no âmbito social e na cultura modifica o sujeito, pois o mesmo é um ser político, social e cultural. O saber da psicologia surge com Wundt em seu laboratório e nos tantos outros que ele inspirou, pois o saber sobre a mente humana e o comportamento se colocava como urgente naquele momento. O movimento daquele tempo exigiu um saber sobre o humano. Um saber que já existia na filosofia, mas foi necessário outro olhar sobre os fenômenos humanos. A psicologia que exercemos hoje é diferente da que tínhamos há 60 anos, quando o curso foi implementado na PUC Minas, pois o *zeitgeist* da época contribuiu para a criação de um curso dentro dos padrões e necessidades daquele tempo. A quantidade de psicólogos que temos atualmente no Brasil e o número crescente das pessoas no curso de psicologia demonstram cada vez mais que temos urgência de um saber e uma prática para amenizar os sofrimentos atuais. Isso porque temos uma sociedade cada vez mais adoecida, como também a cada dia criamos novas doenças e sintomas, fazendo necessárias a interpretação e elaboração destes.

Só é possível saber os efeitos da prática da psicologia na esfera social ao nos distanciarmos no tempo, o que nos viabiliza um olhar histórico. Só o tempo nos permite entender que o trabalho do psicólogo foi criticado em vários momentos de sua história para chegarmos ao saber e à prática que temos hoje.

Essas questões nos fazem pensar nas práticas atuais da psicologia, presentes nas instituições e nos consultórios, no legado que estamos deixando para os futuros psicólogos que estão iniciando suas caminhadas e para os que ainda estão por vir. A fórmula para descobrir como será nosso saber no futuro é observando o presente. As modificações políticas, culturais, como também nosso tempo, estão nos dizendo das formas de subjetividade que teremos daqui a 60 anos, como também os desafios dos futuros psicólogos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Saulo de Freitas. A história da psicologia como medida contra o esquecimento. In: LOURENÇO, Érika; ASSIS, Raquel Martins de; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. História da psicologia e contexto sociocultural: pesquisas contemporâneas, novas abordagens. Belo Horizonte: CDPHA; Ed. PUCMinas, 2012. p. 47-53.
- CARR, E. H. O que é história? 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREUD, Sigmund [1930-29]. O mal-estar na civilização. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI
- HOBBSAWM, Eric J. A outra história – algumas reflexões. In: KRANTZ, Frederick. A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. p. 18-33.
- Jornal do FEDERAL, Conselho Federal de Psicologia, ano XXIII, n. 104, jan./ago. 2012.
- MARROU, H. I. Do conhecimento histórico. 4. ed. Lisboa: Áster; São Paulo: Martins Fontes, 1975.
- NUNES, Clarice. Os desafios da pesquisa histórica. In: IV ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. Coletânea. Belo Horizonte: UFMG/EEF, 1996. p. 19-28.
- SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. História da Psicologia Moderna. 13.ed. São Paulo: Cultrix, 1981.